

Jânio renuncia e diz que é pela última vez

JOSÉ ROBERTO DE ALENCAR

Às 11 horas, Jânio renunciou. Em vez da coletiva combinada, preferiu falar da sacada do segundo andar para as dezenas de jornalistas aglomerados diante de seu casarão salmão, no asfalto ainda molhado da rua Acutirama, uma ladeira do elegante Morumbi paulistano, nada parecida com a praça de São Pedro. O vento gelado insistia em censurá-lo, mas deu para entender que, por estar “quase cego”, não leria a “carta aos brasileiros” adrede preparada. E, por “deficiência física irreparável”, retirava-se “pela última vez” da vida pública, embora não da condição de brasileiro. “Patético”, abismou-se o repórter da Rádio Bandeirantes. “Interessante”, murmurou Stephen Powell, da agência Reuters.

Se o chefe não ia dar entrevistas, qualquer um passou a servir. E até o ex-secretário Paulo Zing, que tentara sem sucesso transpor os portões, virou entrevistado. Wilson Pereira, presidente do Movimento Popular Jânio Quadros, disse que seus “20.816 postos já colheram mais de 11 milhões de assinaturas” e seriam mantidos: “O movimento não está órfão, porque Jânio não faleceu”. E mais: “Jânio não foi candidato hoje, mas está aí para atender a qualquer chamado”. Waldemar Ciglioni, Bension Coslovsky e outros janistas também não pareciam dar ao “última vez”, enfatizado por Jânio, mais crédito do que lhe deram nas últimas vezes. Como na vez das chuteiras.

Pouco mais tarde, o assessor Augusto Marzagão telefonaria do México para as redações e diria que a decisão, tomada na segunda-feira e anunciada on-

tem, era definitiva. Seja como for, tanto o discurso levado pelo vento quanto o distribuído às 11h10 pelo assessor de imprensa Roberto Abraão têm algo de Pirandello (o do “assim é se lhe parece”). Quem sonha com a candidatura encontra neles tanto alento quanto quem respira aliviado pela desistência. Como se pode ver nestas frases pinçadas:

● — Não creio no que se vê ao nosso alcance e à nossa roda, como se fora democracia, quando é a sua caricatura.

● — Não pode haver privilégio ao arripio da lei, mas o que se observa é a aprovação de leis para permitir privilégios.

● — A nossa credibilidade tão débil no Exterior, o aumento da dívida interna, o desemprego, a defasagem salarial (...), a fome, a corrupção, o desgaste constante da autoridade, a invasão dos poderes — tudo, tudo isso reclama solução.

● — Os problemas do País são múltiplos e (...), afinal, resumem-se a um só: a falta de patriotismo.

● — Inexistem o espírito público e a impessoalidade dos grupelhos familiares de posições de mando.

● — Doente, atingido na vista, o que explica minha ausência prolongada no Exterior, repito que não sou candidato.

● — Somente assim evitaremos a tragédia futura que já se desenha nítida.

● — Alisto-me como simples soldado, na obra ingente de doar a Pátria a seus próprios filhos.

● — Que não se fale mais de mim como alguém ambicionando a chefia do Estado.

● — Não participo dessa farsa. Não a convalido.

● — Estou pronto a colaborar se a Nação reencontrar-se a si mesma.

● — Mantenham a fé, sob a proteção de Deus.



Epitácio Pessoa/AE

Jânio, com Eloá, se retira: “Não participo dessa farsa”